

Antropólogo visual, artista multimeios e professor de Artes e Antropologia na EACH-USP. Doutor em Antropologia Social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/Paris). Pós-doutorado no Departamento de Multimeios do Instituto de Artes da UNICAMP. Pesquisador associado do departamento de Antropologia da Goldsmith (Londres) e colaborador do Fórum Permanente (ECA-USP).
E-mail: opuscorpuz@terra.com.br



“O Nu Perdido”

“Como viver sem o desconhecido pela sua frente?”

O nu perdido é o nome de um dos livros de poesia de René Char, poeta francês do século XX que escreveu todos os aforismos deste ensaio. Por que remeter a René Char para falar do trabalho da artista Joana Villaverde? Primeiro, porque René Char teve um papel importante na resistência francesa à ocupação nazista, além disso, seu trabalho como poeta é uma de suas formas de resistência, assim como Joana considera seu processo criativo um ato de resistência.

No seu processo criativo, Joana Villaverde estabelece um diálogo profundo, quase que existencialista, com seus modelos. Ela pede fotografias de nus para seus modelos (auto-imagem) com eles olhando para a câmera (o ver e ser visto de Jean-Paul Sartre). Assim, a relação dela com o objeto/sujeito das suas obras é uma relação triangular e complexa que já conta, no início do processo, com uma estética da recepção ou estética relacional. Antes de achar os nus, por meio de seus processos artísticos, Joana procura se perder, perder os nus, num ambíguo jogo de espelho. O inferno é o outro, e neste teatro em chamas, assistimos a um trabalho em conjunto. Ninguém escapa dessa armadilha feita sob medida.

“Como se esconder do que deve se unir a você?”

Ou, como diria Joana, como se esconder desses corpos que olham para você? Nos seus quadros, Joana nos mostra pessoas pintadas (no duplo sentido da palavra), corpos vermelhos e ocres, corpos à mostra, corpos comunicantes que parecem querer sair do quadro para retornar à vida e reencontrar a sua nudez, perdida no processo criativo da artista.

De fato, existe uma tensão existencial forte nos quadros de Joana, pois, como ela afirma, o que vemos nas pinturas é uma "nudez perturbada" e perturbadora. Como nas fotografias de John Coplans, temos uma sensação de fragmentação dos corpos, vistos de perto, de cima ou de longe, e a artista joga com todos os poderes do enquadramento fotográfico. Vemos até pessoas retratadas que parecem querer sair do quadro, puxando com as mãos nas laterais ou arrancando os cabelos de desespero. Joana aprisiona suas vítimas em cores fortes, vermelhas, sangrentas.

"Meu corpo é mais extenso que a Terra, mas só conheço uma parcela dele..."

Para Alfred Gell (1998), a obra de arte pode ser comparada a uma armadilha, pois a obra, sendo vista, reativaria as qualidades colocadas intencionalmente pelo artista, justamente para ativar todas as capacidades presentes na mente das pessoas. As armadilhas de Joana funcionam de forma a aprisionar tanto o modelo quanto o público. Estamos quase esquecendo da própria artista, pois olhar para essas pinturas é como encontrar alguém perdido. Claro, este encontro coloca em evidência as intenções e os gestos da artista, e para sentir as obras é preciso se jogar na armadilha, cair na rede de *intensões* e finalmente, tal como um animal preso, se debater com as significações simbólicas presentes nas telas.

Tomando por princípio que qualquer atividade artística tem como condição de possibilidade os gestos do artista, suas técnicas corporais e as exteriorizações do seu ego, voltamos ao ateliê de Joana e podemos imaginá-la lutando corpo a corpo com seus modelos, com suas telas vivas. Muitas vezes, Joana Villaverde descreve seus gestos de arte como extremamente físicos e intensos e podemos ver, pelo tamanho das pinturas, até que ponto a batalha criativa deve ter sido difícil, de igual para igual com os seus modelos e com as telas de tamanho real. No final, as pinturas comprovam que Joana saiu vitoriosa, "adiantada de alguns minutos de imaginação", e que ninguém escapara ao poder dos seus pincéis.

Com muito força, ela consegue tornar visível o fato do corpo ser uma ficção cultural construído por meio das interações sociais. A partir desse momento, a experiência reflexiva está completa, olhamos para nós mesmos no espelho das pinturas. Estamos presos, pintados e emoldurados.

[47]

No teu corpo consciente, a realidade está adiantada de alguns minutos de imaginação. Este tempo nunca alcançado é um abismo fora dos atos do mundo.



REFERÊNCIA

GELL, Alfred. *Art and agency – an anthropological theory*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

SAIBA MAIS

www.joanavillaverde.com
www.formatocomodo.com